

Maria Analice Pereira da Silva
Organizadora

Raoni Xavier
Ilustrações



COLETÂNEA DE
CRÔNICAS

I Concurso Literário NEABI/IFPB
Campus João Pessoa

**Respeitem
meus cabelos, brancos**

Coletânea de Crônicas

I Concurso Literário NEABI/IFPB – Campus João Pessoa

Tema: Respeitem meus cabelos, brancos

Maria Analice Pereira da Silva
Organizadora



João Pessoa, 2020

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

REITOR

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Cleidenédia Moraes Oliveira

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Manoel Pereira de Macedo Neto

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Pablo Andrey Arruda de Araujo

EDITORA IFPB

DIRETOR EXECUTIVO

Carlos Danilo Miranda Regis

DIAGRAMAÇÃO

Fabício Vieira de Oliveira

ILUSTRAÇÃO

Raoni Xavier

Copyright © Maria Analice Pereira da Silva. Todos os direitos reservados. Proibida a venda.

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Nilo Peçanha - IFPB, *Campus* João Pessoa

S586c Silva, Maria Analice Pereira da.

Coletânea de crônicas – I Concurso literário NEABI / IFPB – Campus João Pessoa /

Maria Analice Pereira da Silva. – João Pessoa : IFPB, 2020.

60 p. : il.

PDF

Tamanho do arquivo : 9,34 MB

ISBN – 978-65-87572-18-5

Tema: Respeitem meus cabelos, brancos.

1. Literatura brasileira – crônicas. 2. Concurso literário. I. Título.

CDU 82-94(81)

Elaboração: Lucrecia Camilo de Lima – CRB 15/132

Sumário

6 Sobre o NEABI/IFPB

8 Apresentação

12 **Invenções**
Amanda Costa Silva

17 **Mas por que não?!**
Angela Luiz Rafael

21 **Se isso cheira, é o teu nariz que diz**
Danillo Pablo de Sales

26 **Desatando os brancos nós e tecendo os negros fios de liberdade**
Halecy Davidson Sousa da Silva

30 **Se meus olhos ouvissem**
Izaura Apolinário Geriz Barreto

34 **Quantos sorrisos dependem do meu?**
Joardson Souza dos Santos

38

Pixaim

Kaylanne da Rocha Alves

43

Meus cabelos revelam quem sou

Liriel Costa

47

A história de um cabelo

Maria Clara Araújo Portela

51

Deixem as raízes viverem

Maria Helena Lustosa Fernandes

55

Crispim

Pedro Felipe de Lima Henrique



Sobre o NEABI/IFPB

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFPB-Campus João Pessoa é um espaço de formação e de discussão sobre as relações étnico-raciais presentes na sociedade brasileira. Seu principal objetivo é ser um incentivador e apoiador de ações relacionadas ao cumprimento das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08 na comunidade acadêmica.

No IFPB-Campus João Pessoa, o NEABI está vinculado ao Departamento de Articulação Pedagógica (DEPAP) e articulado à Coordenação de Educação em Direitos Humanos e ao Departamento de Inovação, Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão, Cultura e Desafios Acadêmicos (DIPPED).

Com o propósito de estimular as ações voltadas à disseminação da história e da cultura afro-brasileira e indígena, no âmbito do Campus, durante o ano letivo de 2019, o NEABI promoveu um conjunto de atividades, com destaque ao I Concurso Literário do NEABI.

O I Concurso Literário do NEABI foi realizado de forma articulada com outras ações, a partir das quais foi possível discutir temas como representação social das populações negras, racismo, intolerância, identidade e violência contra grupos marginalizados.

Dentre essas atividades, destacam-se a II Mostra gastronômica, que permitiu a elaboração e degustação de prato típico do Marrocos; e o Monólogo feminino *Elas em mim*, a partir dos quais foram discutidos temas como cultura, ancestralidade, corporeidade e sonoridade das culturas negras.

Houve ainda a I Mostra Fotográfica do NEABI, que estimulou a reflexão sobre a representação imagética da identidade negra; o I Minicurso introdução ao estudo da identidade e o I Ciclo de filmes do NEABI,

atividades que foram planejadas para a realização de estudos teóricos sobre os conceitos de imaginário, representações sociais e identidade.

O I Concurso Literário do NEABI, além de estimular a produção literária em língua portuguesa no IFPB-Campus João Pessoa, foi concebido com intuito de incentivar o debate sobre temas atinentes às relações étnico-raciais e de promover a socialização dos textos produzidos, por meio da publicação deste e-book, que reúne os trabalhos premiados.

A cerimônia de premiação ocorreu durante a XIV Semana de Educação, Ciência e Tecnologia (SECT), promovida pelo DIPPED.

A qualidade dos textos demonstra não somente os atributos técnicos, a criatividade e as inclinações artístico-literárias dos nossos alunos, ela evidencia, sobretudo, o potencial crítico-reflexivo desses estudantes e o caráter combativo ao preconceito racial e ao racismo, que estruturam a nossa sociedade.

Assim, a publicação deste e-book, além de demonstrar a qualidade do trabalho desenvolvido pelo NEABI IFPB-Campus João Pessoa, revela também que estamos no caminho certo no enfrentamento das relações de intolerância e das desigualdades raciais brasileiras.

Leandro José Santos
Coordenador do NEABI

Apresentação

Respeitem meus cabelos, brancos!

Quando pensamos em realizar um concurso literário no IFPB, cujo tema devesse provocar discussão sobre racismo, veio logo a nossa mente esse verso de Chico César: Respeitem meus cabelos, brancos¹.

O verso faz referência a uma máxima muito comum em nossa sociedade, utilizada para reivindicar respeito à sabedoria dos mais velhos. Ao inserir uma vírgula, Chico muda a função gramatical de “brancos”, transformando o adjetivo em vocativo, por meio do qual se expressa uma atitude de luta e, portanto, política, pronta para ser escrita em um cartaz e sair pelas ruas ou mesmo para ser impressa em um livro de crônicas.

Imaginamos, assim, que poderia ser um tema que inspirasse alunos(as) e egressos(as) do IFPB a escreverem sobre suas próprias experiências, suas observações, seus testemunhos de experiências alheias, enfim, que pudessem trazer à pauta principal do debate fatos e reflexões sobre racismo.

Entendemos que constituímos uma escola para a qual ensino de qualidade significa, também, respeito às diferenças humanas, no almejo de uma igualdade de oportunidades. Lutamos por isso! E a canção de Chico César nos convoca para a luta. Sua mensagem, primordialmente poética, é expressa por palavras escolhidas com um imenso sentido, e pelo embalo de uma música alegre em sua melodia, rica em sua harmonia, assim como são ricas as raízes da cultura que a canção evoca, dos ancestrais que ela reverencia.

Luta e poesia! Foi inspirados nisso que realizamos este concurso!

1 Além de verso, é título de uma canção gravada em álbum homônimo, no ano de 2002, pela MZA / Abril Music.

E vimos na crônica a forma de expressão mais interessante tanto no que se refere ao público a que o concurso se destinava, quanto no que se refere à sua própria natureza “anfíbia”, como diz José Castello, por transitar entre o jornalismo e a literatura, ou seja, entre a realidade e a ficção, com muita naturalidade e despudoradamente.

Numa explicação formulada por José Castello, no artigo “Crônica, um gênero brasileiro”, do site Digestivo Cultural, de 8 de outubro de 2007,

Supõe-se, em geral, que os cronistas digam a verdade – seja o que se entenda por verdade. Não só porque crônicas são publicadas na imprensa, lugar dos fatos, das notícias e da matéria bruta, mas também porque elas costumam ser narradas na primeira pessoa, e o Eu sempre evoca a idéia [sic] de confissão. E ainda porque vêm adornadas, com frequência [sic], pela fotografia (verdadeira!) de seu autor.

Tomando por base a reflexão de Castello, pensamos num concurso literário que pudesse trazer a público a expressividade de nossos alunos quanto às verdades que seus eus vivenciam, por meio de confissões narradas em cenas dos seus cotidianos, envolvendo situações vividas no seio das famílias; ou reminiscências importantes de suas infâncias com situações de racismo das quais foram vítimas; ou expressões de sentimentos muitas vezes reprimidos pela sociedade; etc. Tudo isso tomando forma, pelo gênero crônica, de desabafos e de denúncias das tristezas que testemunharam e que lhes acometeram pelo fato de terem a pele preta e/ou o cabelo crespo.

Destacamos três palavras dessa reflexão de Castello para explicar porque acreditamos que a crônica seria o gênero que melhor compreenderia o tema desse concurso, sendo, assim, mais acessível ao seu público-alvo formado por amadores, entendendo, sobremaneira, que, no caso da crônica, “verdade”, “eu” e “confissão” não excluem o caráter de ficção. Nesse sentido, o candidato e a candidata

poderiam expor suas ideias por meio de um gênero textual que tem como regra principal a liberdade formal plena, portanto, a não-regra.

Assim sendo, selecionamos onze textos que formam a coletânea que ora apresentamos. O leitor e a leitora deste livro poderão ler uma variedade de formas de crônicas: umas mais narrativas, outras mais dialogais e outras mais reflexivas. Todas elas constituindo um rico material que contribui para um entendimento mais amplo de como estão pensando e vivendo nossos(as) alunos(as) e egressos(as).

Tivemos a imensa alegria de contar com a participação luxuosa de Raoni Xavier, ilustrador e designer gráfico de livros e conteúdos digitais na Educação a Distância do IFPB, desde 2013. A sensibilidade do ilustrador, na tradução em imagens ilustrativas das crônicas selecionadas, não é por acaso. Formado em Artes pela UFPB (2010) com Mestrado em Ilustração e Animação pelo IPCA em Barcelos, Portugal (2018), Raoni Xavier já carrega em sua bagagem vasta experiência como ilustrador de livros didáticos na Editora Grafset (2005-2008), de três livros de literatura infantil da Editora Paulus (2014-2015) e várias premiações em concursos de ilustração. E sua relação com a literatura se estreita ainda mais, não só como ilustrador, e como leitor, mas, também, como escritor, participando do Clube do Conto da Paraíba (2008-2012) escrevendo contos e publicando em coletâneas com outros escritores. Em parceria com seu irmão, Raoni ainda produziu e publicou quadrinhos independentes (2015-2016) e, atualmente, vem publicando GIFs animados em seu instagram.

Bom, vamos ser francos: “Quando um preto fala, o banco cala ou deixa a sala”.

Foi este o objetivo do I Concurso Literário NEABI/IFPB: possibilitar que vozes ecoassem a partir de seus lugares de fala ou de seus lugares de observadores das coisas tristes desse mundo, dentre as quais o racismo se destaca como algo contra o qual devemos lutar, nas ruas,



nas escolas, nas nossas casas, com poesia, com música, com literatura e com palavras de ordem.

Chico César representa, assim, nosso maior inspirador, pela sua riqueza musical e poética, além de política, na construção de uma sociedade melhor, ainda que se apresente como uma utopia.

Com muita honra apresentamos esse livro de crônicas, como uma forma de contribuir para o que viemos reivindicando no NEABI/IFPB: igualdade de oportunidades e justiça social.

Dedicamos esse livro a todos os negros e todas as negras que foram assassinados e assassinadas, das formas mais estúpidas que o ser humano já foi capaz de criar, todos e todas aqui representados(as) pelo nome de Marielle Franco.

Analice Pereira, Éricka Anulina, Monica Seixas
(Professoras do IFPB – Campus João pessoa – e Comissão Julgadora)



INVENÇÕES

Amanda Costa Silva



Era uma tarde de domingo e eu estava saboreando meus 6 anos de idade, observando a rua pela janela da casa do meu avô e com aquela preguiça que o fim de semana gentilmente nos oferece. Todo domingo, meus pais e eu íamos visitar o velhinho simpático e me lembro bem do cheiro do bolo que meu pai costumava fazer na cozinha do sogro. Foi com esse cenário que me veio uma pergunta estranha na mente. Ver aquele rapaz alto, esguio, negro, com um cabelo preto que se erguia a uns 30 centímetros da sua testa, me deixou um pouco embaraçada.

Então corri para a cadeira onde meu avô estava sentado, no mesmo quarto da janela onde eu antes observava a rua, e escalei suas longas pernas até alcançar seu colo. Ele me olhou com seus olhos castanhos, sem dizer uma palavra, como se já se preparasse para mais uma das minhas perguntas desconcertantes. Então, eu lancei:

– Quem inventou o cabelo enrolado? – Vovô, então, levantou o olhar. Seus olhos passearam pelo quarto e baixaram em minha direção novamente.

– Você. – respondeu.

Eu não entendi. Na verdade, eu quase nunca entendia as respostas do meu avô, que sempre me colocavam a pensar mais e mais. Como eu poderia ter inventado? Então, eu toquei meu cabelo e percebi que ele tinha algumas ondulações. Elas sempre estiveram ali, mas nunca tinha me questionado o porquê de elas estarem ali. Meu avô era careca, meus pais tinham o cabelo liso. Por que, então, meu cabelo era ondulado?

– Minha professora disse que nós somos parecidos com nossos parentes por causa de uma coisa chamada genética. Podemos ser parecidos na cor da pele, no cabelo e até nas doenças. Vovô fez um curto silêncio e, então, puxou o ar e fez uma expressão de quem finalmente entendeu a situação.

- Meu cabelo era enrolado - disse ele, rindo - mas eu não gostava dele. Então sempre que ele estava crescendo, eu raspava. Hoje, eu não tenho mais cabelo porque estou velho.

- Mas por que a mamãe não é parecida com você?

- Ela é. Tem meus olhos castanhos e meus cabelos crespos. Mas ela também não gostava do cabelo dela. Só que ela não podia raspar como eu, porque assim os amigos da escola não iriam gostar dela. Então, ela ia no salão de beleza toda semana para esticar o cabelo, porque ela achava que desse modo as pessoas iriam gostar mais dela.

- Ela ainda vai no salão de beleza.

- Sim.

- Então eu também tenho que ir esticar o meu?

- Não. - disse ele, de modo incisivo - Você que inventou o cabelo enrolado. Quer mesmo estragar sua invenção?

- Não quero, vovô.

- Então cuide bem dela. Nunca deixe ninguém dizer que ela não é boa o suficiente e só escute aqueles que querem deixá-la ainda mais engenhosa e bem feita.

- Vou cuidar, vovô. Não vou deixar ninguém falar mal da minha invenção.

Então, eu voltei para janela. Observei a rua mais um pouco, virei-me para meu avô novamente e disse, rindo:

- Eu também inventei o bolo de chocolate. Então preciso cuidar dele. Meu pai não pode mais me dizer que vou engordar se comer muito. Qual sua outra grande invenção, vovô?

Meu avô estava com os olhos fechados. Ele descolou as pálpebras levemente, olhou-me rapidamente e depois as fechou com a mesma leveza. Não entendi. Mas mais tarde eu percebi: vovô era esperto... inventou o silêncio para não precisar responder mais às minhas perguntas perturbadoras.



Amanda Costa Silva



ingressou no IFPB em 2015, no curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, formando-se no início de 2019. Atualmente, com vinte anos, cursa Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal da Paraíba. Ela diz que “a literatura é capaz de nos levar a diversos mundos. Em um deles, somos mais criativos, mais atentos e mais justos”.



MAS POR QUE NÃO?!

Angela Luiz Rafael



- Eu vou ser uma grande e famosa arquiteta! - minha amiga falou muito animada - Vou construir um monte de prédios e casas lindas e maravilhosas!

- Que bom! Vou chamar você para fazer minha casa - Lívia disse - Eu vou casar com um homem rico e aí pago você. Quero com piscina viu?

Todas nós rimos. Estamos lanchando, é hora do recreio. Rindo e conversando como sempre até que Mari perguntou o que queríamos ser quando crescer. Estamos no 4º ano, eu tenho 9 anos, então acho que temos bastante tempo para pensar, mas eu já decidi.

- Eu vou ser modelo. - Renata falou séria - E você Carol? Quer ser o que quando crescer?

- Uma princesa da Disney - Rimos mais uma vez - Ah! Sei lá! Acho que vou decidir depois. Talvez uma professora.

- Eu quero ser uma bailarina - Falei meio tímida, meu grande sonho.

- Bailarina? Você? - Lívia falou com cara de dúvida - Mas... Você não pode ser bailarina.

- Mas por que não? - eu perguntei - gosto de dançar.

- Porque você é negra.

Fiquei de queixo caído, ela deve estar brincando.

- Eu nunca vi uma negra dançando balé.

- Mas a Brenda é mais clarinha - Renata falou pensativa - Ela é moreninha acho que ela consegue fazer balé

- Eu consigo fazer balé, sei abrir escala - eu disse indignada - vou pedir para minha mãe fazer a minha matrícula na aula de balé. Amanhã mesmo!

- Tem certeza? É meio caro - perguntou Carol

Eu já estava com lágrimas nos olhos, estava ficando com raiva delas. Eu sou negra, a única da minha sala, mas nunca tive problema com isso, pelo menos não até agora.

- Não vamos pensar nisso agora. - Lívia disse - Já sei! Se a Brenda tiver precisando, ela pode trabalhar para mim, que nem a Cláudia da novela.

- Não quero trabalhar como empregada para você. - falei - se não for bailarina vou ser médica.

Elas riram.

- Ai ai! Boa sorte. Precisa ser muito inteligente para ser médico, mas talvez você consiga por cota - Lívia falou como se tivesse encontrado a solução - minha mãe disse que elas ajudam pessoas como você.

- É, tem razão - Eu estava fervendo de raiva, mas eram minhas amigas. Se eu deixar de falar com elas ficaria sozinha. Melhor ignorar, vou crescer e ser uma ótima bailarina.

Sou negra e quero ser bailarina então vou ser bailarina. Eu vou me esforçar e me dedicar e então vou realizar meu sonho. Eu consigo... né?

Angela Luiz Rafael

tem dezoito anos e faz o Curso Técnico Integrado em Contabilidade no IFPB. Filha mais velha e com dois irmãos, tem grande gosto pela leitura, carregando sempre um livro embaixo do braço. Ela diz ter encontrado, nesse concurso, uma oportunidade para adentrar no mundo da escrita, sendo, assim, o primeiro passo de uma longa caminhada.



**SE ISSO
CHEIRA, É O
TEU NARIZ
QUE DIZ**



Danillo Pablo de Sales



“Meu filho, posso lhe fazer uma pergunta?” disse ela sem me dar tempo para um sim ou, como provável resposta, o não que eu engoli a seco quando ouvi: “Você lava isso?” – Ora vejam, eis a pergunta!

Esta manhã acordei ainda mais atrasado do que de costume, tomei um café ruim, feito por mim, e teve que ser um café fraco, o pó está acabando. Também não comi quase nada, esqueci de ir à padaria no dia anterior. Ainda que atrasado não consegui abrir mão de uma rotina de vaidade que cultivo há tempos – um amigo me disse que uma boa apresentação nunca sai de moda. Desde então esse clichê não me sai da cabeça sempre que preciso ir a algum compromisso formal, trabalhar é um deles. Descontado o tempo dos arranjos com roupa, pele e cabelos, tive que descer as escadas do prédio tão rápido quanto irritado e, literalmente, corri até a parada de ônibus, três quarteirões adiante. No caminho ainda lembrei de uma fala do presidente da república divulgada pelos telejornais na noite anterior: “É muito difícil ser patrão no Brasil” – eu teria rido, não fosse pelo mau humor e achei melhor desviar a mente para algo mais leve, queria tanto um café forte! Irritação matinal é uma sensação que me é frequente, odeio acordar cedo, acordar de repente, ter que estar de prontidão tão rápido para entrar na engrenagem rude do mundo; entretanto, é sempre algo que me chega aos poucos, na medida em que o sol sobe no horizonte e me esquentas as ideias, o mais comum é que irrompa quando vejo, na ponta da Avenida Josefa Taveira, o ônibus sempre lotado que me leva ao trabalho todos os dias; mas hoje especialmente eu mal abri os olhos e já me via em uma fúria silenciosa, maldizendo o viver de um modo inconsciente, uma chateação cinzenta de quase manha de criança, quase birra.

E eis que ainda preciso lidar com uma dessas – essa senhora e eu nos cruzamos todos os dias nesse mesmo ônibus, ela me olha com aquela cara feia e triste desde que me lembro, sempre de coque preso

no alto da cabeça, saias longas, uma bíblia na mão – essa aí só podia ser crente (uma voz quase automática se pronunciava como desagravo na minha cabeça). É pela tatuagem? A roupa? Minha cara mal-humorada? Por que raios essa maluca me encara sempre como quem me detesta? Hoje, esse dia de fatos imprevisíveis, a cruviana do destino nos conduziu, por entre apertos, pisões e empurrões, a dois assentos lado a lado no nosso amado ônibus. “Isso” a que ela se referiu, seria, vejam só, o meu cabelo! Sou um homem negro e uso “dreadlocks” desde a infância, assim como todos na minha casa sempre ostentaram com orgulho portentosas cabeleiras de estilo afro e o meu choque, com a pergunta, não se deu tanto por indignação ou por raiva pela falta de educação da minha colega de transporte coletivo, mas sim, porque de todas as coisas pelas quais eu esperava ser discriminado na vida, o meu lindo cabelo seria a última delas. Durante toda a minha infância eu via os meus pais realizarem cuidados sistemáticos com os seus cabelos e os de seus filhos, sempre com tanto zelo e, para além de todo o cuidado, expressando orgulho quando as nossas tranças ou nossos dreadlocks ganhavam forma, tamanho e volume (aliás, tranças e dreadlocks não são a mesma coisa). Tantos produtos – era divertido brincar disso, xampu seco, anti-resíduo, cera de efeito brilhoso, spray de sal marinho para ocasiões especiais, tudo tão perfumado... No meio de tudo isso aquelas histórias fantásticas sobre príncipes e guerreiros, reis! Tanta força, tanto orgulho... que saudade do meu pai! Eu talvez devesse ter explicado para aquela senhora que ninguém é obrigado a ter o cabelo limpo e perfumado todo-dia-toda-hora. Quem sabe quanto tempo não fazia que ela mesma não lavava os cabelos? Mas eu ali, já quase atrasado, aborrecido com a vida e... ah, quer saber? “Quer cheirar?” respondi oferecendo o alto da cabeça – ela bateu palma, soltou um gritinho e pulou na cadeira – tudo ao mesmo tempo; e a força da sua curiosidade foi tão grande, que mal se recuperou da surpresa, a

mão já alcançou duas mechas do meu cabelo e, antes de levar ao nariz, parou e, mudando toda a expressão do rosto, era agora uma face neutra, não me detestava mais, disse: “é macio...!” e sem mais hesitar, cheirou o meu cabelo por um importante, mas breve, instante. Dali a quinze minutos o ônibus chegaria à parada em frente ao meu trabalho, tempo que foi inteiramente consumido por meu relato sobre cuidados com os cabelos, explicações sobre tipos de dreadlocks, a diferença entre penteados e tranças em cabelos afro, quanto tempo leva para crescer, se dói ou não, que peso tem e toda a gama de informações que pude lembrar de dizer para satisfazer a curiosidade daquela senhora que agora, parecia muito à vontade em perguntar mais e mais. Ainda tive tempo para falar da minha mãe, do seu cabelo, do cheiro da sua cabeça e da saudade que sinto dela e dos seus cuidados. O ônibus parou, desci quase sem despedida, o meu mau humor se desfez. Me senti feliz com a sensação de ter desconstruindo um preconceito, mas lamentei não ter tido tempo de desconstruir o meu, pois também eu tinha ideias aparentemente equivocadas e curiosidades sobre aquela mulher, suas roupas, seu cabelo, sua religião. Quem sabe na volta, quem sabe amanhã...

Para meu alívio cheguei em cima da hora, sem atraso e fui direto para a máquina de café.

Danillo Pablo de Sales

é estudante do curso de Letras EAD - licenciatura em língua portuguesa IFPB. Natural de Caicó/RN, tem trinta e nove anos e é radicado em João Pessoa há onze anos. Ele se diz “um curioso (e entusiasta) das artes no geral, em especial as literárias”.

**DESATANDO OS
BRANCOS NÓS
E TECENDO OS
NEGROS FIOS
DE LIBERDADE**

Halecy Davidson
Sousa da Silva



Saudações africanas! Liberdade! Liberdade! Reivindica-se a abolição da escravização dos cabelos negros! Expressão das identidades ancestrais ressignificadas no tempo e no espaço. Por transgredir o imperativo normalizador, também, é símbolo de resistência, recusa, afirmação, ao mesmo tempo em que incomodam aqueles olhos prontos a julgar convencidos de que jamais destilaria seu racis...

“Mas não foi isso que eu quis dizer...; você já está levando pra esse lado...; não sou racista...”. Ouço as vozes que, ao nem sequer refletir sobre o dito, por entrelinhas, esquivam-se, ao tentar eufemizar a subentendida imposição do tal padrão capilar escravizador e colonizador, pois autoritário na tentativa de preencher o outro com a etnocêntrica negação da liberdade de expressão da consciência negra. Vive-se, decerto, no país das várias áfrias onde, paradoxalmente, prepondera-se o silenciador pensamento branco, emperrado no nó do embranquecimento: expressão de valor social para o bem da aceitação branca.

Cotidianamente, entrecruzamo-nos com dizeres sobre nós que nem ao tempo coube desatar. “Cabelo ruim”; “Cabelo duro”; “...não é questão de gosto, mas de higiene”; “...ajeita esse cabelo, que está parecendo Bombril”; “Pede pro seu filho cortar isso, é um rapaz até bonito”; “Isso não é cabelo de gente”. Essas são as vozes do presente que ressoam, em nós, a histórica elaboração, durante mais de quinhentos anos a fio, da perversa linguagem sistematizadora das relações raciais no Brasil. Por esses nós-cegos, são inegáveis as permanências de uma mentalidade racista jamais superada, enquanto nega perceber-se as amarras do racismo, desaparece-se de sua dimensão discursiva sutil por entrecruzados nós.

A norma é o liso! Arbitrou-se o silêncio da expressividade negra. Dessa forma, “norm(alisamos)” o discurso racista sob suposta justificativa de mera opinião, como se esta não já estivesse lá no campo de

aceitação, ou pior, relativizou-se a discriminação à condição de gosto pessoal. Alisamos o normal, mas não o analisamos. E daí operacionalizamos a segregação racial: essa foi a ordem do discurso! A assimilação desse status quo encobriu deliberada marginalização das formas constitutivas de cabelos crespos, enrolados, pixains, cacheados, assanhados, trançados e...

Acumularam-se as negativas normalizadoras. Nega-se o outro, a sua identidade em seu cabelo negro, a beleza negra, para afirmar o padrão de beleza racista. Basta! Importa falar: é preciso romper com o histórico pacto de silêncio, do contrário, os brancos nós na garganta acabarão nos engasgando qualquer fio de esperança.

Nossos cabelos vindos da África se capilarizou por entre os espaços de negação do ser negro. Fio a fio trançamos a diversidade, Com nossos fios desafiamos os desafetos afeitos de norma embranquecedora. Nossas negritudes madeixas visibilizam uma estética linguagem capilar de empoderamento cuja expressão tece, com os resistentes fios negros, a renascente liberdade de povos, de indivíduos e de identidades étnico-raciais próprias da diversidade humana.

Halecy Davidson Sousa da Silva

vingte e um anos, é de Goiana-PE e cursou o Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio, entre 2014 e 2018. Para ele, “esses foram anos de muito amadurecimento, construção de vínculos, formação ética, humana, cognitiva, profissional” e, quando soube da oportunidade de voltar ao IFPB através da escrita, de se expressar sobre um tema que é tão importante, “sobre minha negritude em meus cabelos negros, de refletir sobre minha identidade, minha ancestralidade foi de todo muito especial”. Ingressou no curso de Medicina na UFPE em 2019, campus Recife.

**SE MEUS
OLHOS
OUVISSEM**

Izaura Apolinário
Geríz Barreto



Estava em meu pequeno quarto, tão concentrado ensaiando as 'Quatro estações' de Vivaldi, que não ouvia nada além dos acordes que saíam do meu violino. Depois de três horas de idas e vindas nesta composição, o cansaço chegou em meus braços e sem querer o breu, elemento indispensável para a manutenção da crina do violino, caiu e quebrou em pedaços.

Minha mãe, uma mulher de forte temperamento, ao ouvir o silêncio do violino, entrou em meu quarto, viu-me sentado no chão cantando os pedaços do breu e com um ar de contrariada deu-me um solavanco. Mais uma vez me lembra de que isso aqui vai tornar alguém respeitável, e ninguém poderá ignorar meu conhecimento. Em outras palavras eu deveria ter mais cuidado. Porque a música não tem cor, nem raça. Era a frase final dela. Acredito que música é para quem tem ouvidos. Nosso único monumento que guardava atrás de suas paredes o gosto coletivo pela música erudita, dormia há anos. Sempre admirei o Teatro Santa Roza. O mais belo da cidade, agora acordado, marcado para sua reabertura um concurso de violinos para jovens ditos de baixa renda. Só então soube de minha posição social, e isso incluía, também, a cor de minha pele.

Aprendi que se você nasce e todos ao seu redor forem da mesma cor que a sua, isso em nada muda, mas as diferentes tonalidades são motivo de rivalidade e não de riqueza cultural.

Para minha felicidade, a música não tem olhos, é para quem tem ouvidos e os meus eram magníficos, como dizia minha mãe. Ela trabalhava em casa de família e levava-me para o trabalho e foi lá que eu ouvia o som dos diversos instrumentos musicais. Sem dúvidas sobre o concurso, minha mãe fez a inscrição, e outras mães seguiram o exemplo, pois todas acreditavam que seus filhos não poderiam perder esta oportunidade.

A cena que vi no dia foi todos os candidatos com seus trajes impecáveis, e os instrumentos afinados. Eu via as expressões de an-

siedade e nervosismo. Éramos jovens e esperançosos, não queríamos decepcionar nossas mães. O prêmio era uma bolsa de estudos na Escola de Música, e isso era meu futuro. Vários já tinham se apresentado e, faltando dois candidatos para minha vez, segui com pensamento ingênuo: esta é a hora da virada, agora tenho a chance de mostrar meu talento.

Terminei a música, um silêncio. As caras não eram muito amigáveis. Era um zuzzunzum sem respostas. E algumas exclamações de “esses negrinhos da favela, pensam o quê”. Isso eu não poderia mudar, muito menos evitar, seria como sempre foi ou dessa vez o vento sopraria ao nosso favor?!

Foi um momento complicado na minha vida, minha mãe suplicava por sinais. Nada eu podia mudar para ser aceito. Diante de tudo que ouvi, sei que o preconceito é verdadeiro, posso não ver, mas sei que está aqui, bem aqui. Refletido em olhares, em gestos e em ‘nãos’. Durará enquanto a gente existir.

Izaura Geríz

tem vinte e oito anos, é casada, mãe de um rapazinho de cinco anos, amante da natureza e da vida. Outrora artista plástica, hoje escritora e graduanda em Gestão Ambiental-IFPB. No momento está finalizando seu primeiro livro intitulado *Reconstrução dos Versos*, por meio do qual pôde reconstruir sonhos que antes se escondiam na pintura. Leva a vida com leveza, apreciando cada detalhe da vida concedida por Deus.



QUANTOS SORRISOS DEPENDEM DO MEU?

Joardson Souza dos Santos





Desde que passei pela minha transição, a resposta que sigo feliz em dar a mim mesma todo dia em frente ao espelho é que dinheiro não compra felicidade, mas, uma mudança no cabelo... ahhhh, essa compra e ainda ganha troco! Resposta fútil? Para um branco que a vida inteira só usou a hidratação da moda ou pintou e cortou as pontas duplas, com certeza. Mas, para mim, negra desde a barriga da minha mãe, porém, obrigada desde que me recordo a usar química para alisar o cabelo, nem de longe é uma resposta boba essa que repito para mim mesma assim que vejo meus cachos. As palavras que saem da minha boca se assemelham muito mais com um cartaz de protesto escrito em letras garrafais que “O branco não me define, minha carne não me define, eu sou meu próprio lar”.

Digo que passei por uma transição por falta de palavra que me fizesse ser entendida, pois, como a palavra sugere, já não sinto que transitei de uma forma para outra, sinto na verdade que me libertei das ideias que me empurraram goela abaixo na infância. Desde a Barbie anorexicamente perfeita em sua roupa rosa combinando com sua pele branca e seu cabelo liso, até a novela das oito com o papel da tia Anastácia da vez sempre sendo interpretado por alguma negra.

Meu sonho é que outras mulheres da cor do meu povo também se sintam assim como eu, pois, modéstia à parte, a menina que antes não gostava do que via, hoje é uma mulher empoderada e ciente de que dentro do peito sempre bateu um tambor ritmando o grito de uma negra que diz de queixo em riste e olhar profundo “respeitem meus cabelos, brancos. As vozes e os costumes calados jamais voltarão a ter em seus pulsos grilhões fechados.”

“Quantos sorrisos dependem do meu?” De pernas para cima e enrolando no dedo indicador um cacho que cai sobre a testa, eu estava quando me veio essa pergunta a mente. Ela foi fruto de uma daquelas conexões que nosso cérebro faz, juntando palavra por palavra,

até formar algo semelhante a um telefone sem fio. Há dois anos atrás eu ficaria confusa e custaria tirar essa dúvida da cabeça. Mas, hoje já não me demoro a responder questões desse tipo. O único sorriso que depende de mim é o meu próprio!

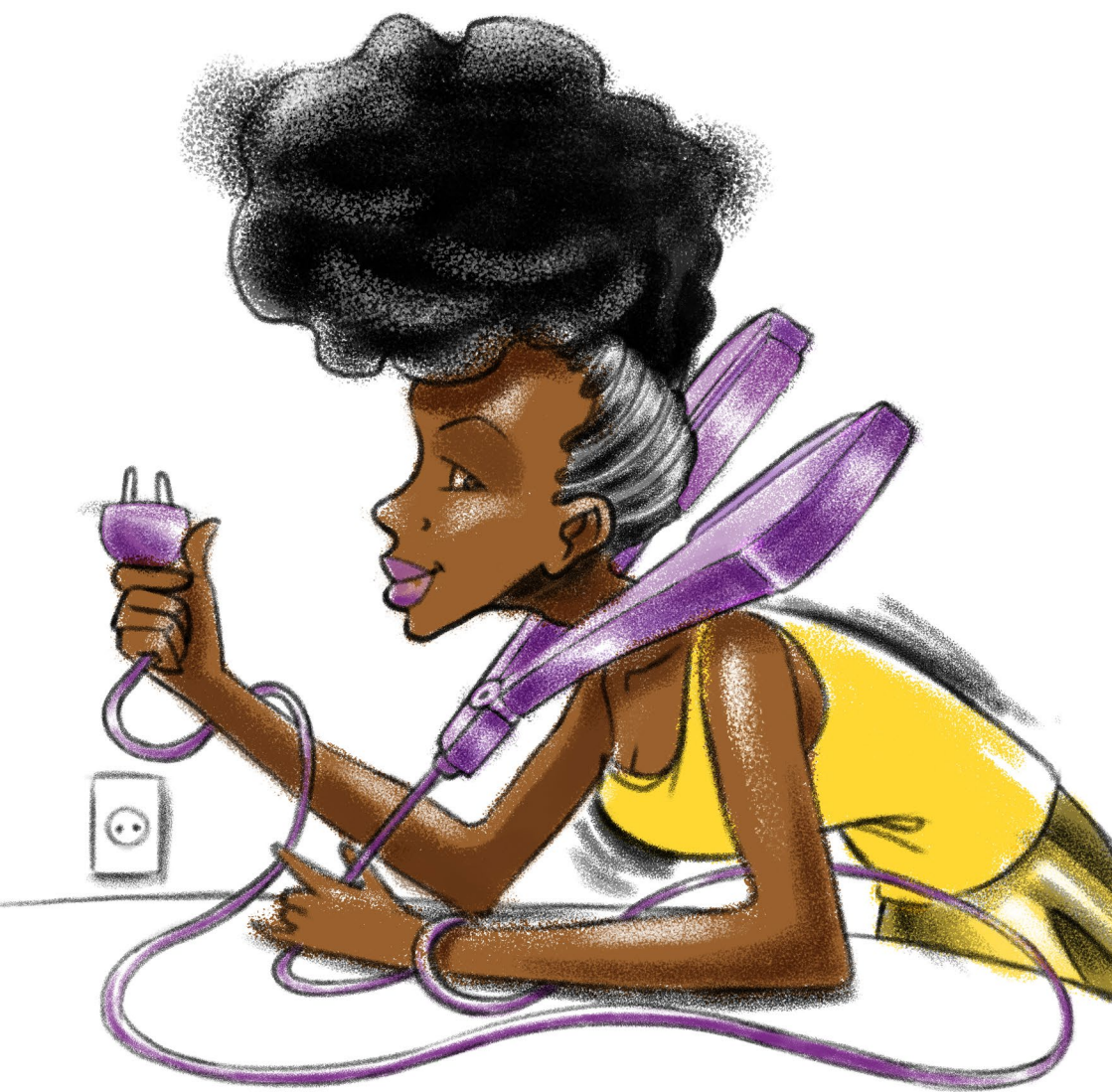
Joardson Souza

tem vinte e dois anos e, atualmente, está cursando a graduação em Administração no IFPB. Inspirado na noiva que, segundo ele, “tem os cabelos cacheados mais lindos do mundo”, diz Joardson que escreveu a sua crônica, afirmando ainda que “no meio de um mundo com tantas discussões, tive o receio de parecer sem local de fala ao abordar esse tema, mas por fim a escrita e a leitura são isso: um universo de fantasiar o que não somos ainda, para inspirar o que seremos no futuro”. Ele reconhece que os caminhos da leitura foram estimulados desde cedo pela mãe, que é professora.



PIXAIM

Kaylanne da Rocha Alves



Tália era preta, tinha puxado ao avô paterno, sua mãe era branca e seu pai era mulato. Na hora de ir pra escola, a mãe puxava seu cabelo crespo e esticava até a cabeça doer pra poder amarrar e então ela chorava, resmungava e gritava:

- Solta mãe! Deixa solto! Que nem o de Taíse - A irmã de Tália, tinha nascido morena do cabelinho ondulado - soltinho.

E a mãe dizia, quase chorando por conta da insistência da filha:

- O dela dá, o seu não pode.

Ela cresceu querendo soltar, assim não precisaria daquele sofrimento todo, mas viveu cercada de não pode isso e nem aquilo, no seu não dá.

Tália conheceu Dayane, a louca que botava banana nos cabelos dizendo que deixava mais macio, usava o cabelo solto e ninguém dizia que não. Tália aprendeu algumas coisas com ela e ninguém mais a segurava, seu cabelo estava soltíssimo, do jeito que queria.

E era outubro, o mês do seu aniversário, seriam 15 anos, já era uma moça, sua mãe e a irmã mais velha, Thalita, chegaram perto dela no sofá da sala e então a mãe disse:

- Tatá, tua irmã e eu conversamos e de aniversário a gente podia ajeitar teu cabelo.

Tália olhou para as duas e então pousou os olhos negros no cabelo da irmã, era ALISADO, e "ajeitar" era "alisar", mas Tália estava começando a gostar do seu cabelo, estava se descobrindo e então disse:

- Melhor não, meu cabelo tá bom já.

- Oxe mulher, mas ele vai ficar bonito liso, teu cabelo vai virar uma bucha depois de um tempo. Olha que depois a gente já num paga mais, pensa até dia 30 então - disse a mãe.

Tália concordou e começou a pensar a respeito, lembrava que quando pequena sonhava em ter cabelo liso, mas ainda assim não queria. Havia gente que fazia piada com o cabelo dela, tinha piada de

todo tipo, chamavam de bucha, piche, bombрил, cabelo ruim e tudo mais, porém ela já não se importava, não desgostava mais do seu cabelo.

Porém aquele mês não foi como os outros, sua mãe e irmã queriam muito que ela alisasse. Todo dia, quando chegava em casa da escola, perguntavam:

– E aí? Decidiu? Vai alisar? Vai ficar bonito, vai mais nem ter trabalho nele.

E isso era todo dia. Diziam que o cabelo dela ia ficar duro e ruim, iria só piorar, a solução mesma era alisar e só tinha aquela chance, tinha que se decidir, até as gírias da escola vieram pra casa, diziam pra se livrar logo da bucha e muitas outras coisas.

De tanto ouvir isso, Tália ficou triste, meio nervosa, e, pra deixar de se sentir assim, tomou a decisão, ia alisar. Dia 30 de outubro, véspera de seu aniversário, lá estava ela, no salão, as cabeleireiras puxavam pra lá e pra cá seu cabelo e a chapinha não acabava nunca, queimaram até sua testa.

No fim de tudo, Tália se olhou no espelho e não era ela, agradeceu às cabeleireiras, deu um abraço na prima que a acompanhou até ali e todos a chamaram de linda, mas quando chegou em casa não aguentou mais, chorou até a manhã do tão esperado dia, sua família perguntava a causa, mas ela só conseguia soluçar... Não foi o que ela quis.

Passou alguns meses de cabelo liso. No entanto, como em todo alisamento, a raiz logo começa a crescer, seu cabelo ficava uma bagunça e se quebrava. Ela tinha que esperar meses para alisar de novo, fora que nem sempre tinha dinheiro, foi aí que ela olhou no espelho de novo e tomou outra decisão: deixaria crescer tudinho de novo, do jeito que ELA queria.

Demorou... As piadas aumentaram, mas ela se cuidou, não seria mais a pretinha que vive e morre pra agradar os outros. Seria Dandara e Rainha Tereza. A força estava nas suas raízes. Tália era negra...

negra dos ossos até as pontas dos cabelos e isso era orgulho e força, enfim se encontrou, superou a transição capilar, mas seu cabelo não foi o único que se libertou.

Kaylanne Rocha

tem dezoito anos e faz o quarto ano do curso de Técnico Integrado em Edificações no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Acredita que, em um mundo inundado por preconceitos e padrões sociais, a literatura nos fornece um refúgio no qual podemos nos apoiar sobre perspectivas das mais variadas, dando uma chance de escapar da manipulação que nos circunda. Por esse motivo, aprecia bastante a iniciativa do NEABI de popularizar a escrita por meio de um concurso literário, diante de um panorama de crescente desvalorização da leitura e alienação da população.

**MEUS
CABELOS
REVELAM
QUEM SOU**

Liriel Costa



Semana que vem é meu aniversário. Sabemos bem o que quero de presente, mamãe. Quero algo que alise meu cabelo. Quero algo que tire de mim esses cachos que me deixam tão depressiva. Quero algo que faça meu cabelo ficar liso como o da colega. Quero meu alisante o mais rápido possível, mamãe, porque não quero mais ser motivo de piada. Mamãe, eu poderia pedir uma boneca, mas no mercado não vende boneca negra de cabelo crespo. Vende a Barbie, o Ken e a amiga dela negra que não tem o cabelo como o meu. Mamãe, eu poderia pedir panelinhas, talheres e brinquedos de cozinha, mas o meu papel não seria de chef, seria de empregada, como minha colega falou.

Mamãe, meu aniversário é semana que vem e preciso de algo que me faça fazer parte do grupo, porque com esse cabelo, eu só sofro e me passo por ridícula. Mamãe, mamãe... a senhora me entende? Eu peço respeito, eles riem do meu cabelo. Eu peço silêncio, eles gritam xingamentos. Eu peço consolo, eles se fingem de surdos e continuam a rir de mim. Eu sei da força que carrego em minha cor. Sei do poder que trago no meu black. Mas como menina, quero algo que apenas alise meu cabelo. Por favor, mamãe. Sou tão nova, mas me pergunto: será que com meu cabelo liso, tudo seria melhor? Ou será que vou ter que esperar meus cabelos ficarem poucos e brancos pra usá-los como realmente quero?

Quando puxaram meu cabelo, eu entendi a minha luta. Quando minha tia me deu de presente um alisante, eu entendi o que enfrentaria. Quando chorei no banheiro da escola, pude perceber o que o destino tinha reservado para mim. Entre cachos e escravos, o que tinham para mim era o apelido de “negrinha”, e mesmo que tão novinha, fiquei com raiva de cada olhar. Olhar de quem não sabia a dor que sinto. Olhar de desprezo e egoísmo. Olhar de quem não respeita quem sou.

Sinto muito dizer, na verdade, não sinto não. Eu sou negra. Negra do cabelo crespo com muito orgulho. Mesmo que me venham com seus

olhares, seus pesares, seus “lápiz cor de pele”, eu ainda digo com orgulho que minha pele e meu cabelo são os mais lindos. Se conformem. Aceitem. Trago luta no meu cabelo. Trago na minha pele as chibatadas que meu bisavô levou dos brancos. Trago em mim a fome de respeito. Respeito que minha mãe não conseguiu, mas que busco todos os dias. Porque por mais que o grito de vocês seja “ódio”, o meu é “amor”. Amor a tudo que trago em mim. Brancos, respeitem meus cabelos. Cabelos que revelam quem sou. Respeitem meus cabelos, brancos.

Liriel Costa

tem dezoito anos e, atualmente, faz o curso Técnico Integrado em Instrumento Musical no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Ela diz que “sempre foi um alívio pegar a caneta na mão e escrever sobre as crueldades da vida e, apesar de tudo, escrever também sobre sua beleza”. Por isso, sente-se “honrada por ter feito parte desse Concurso Literário do IFPB Campus João Pessoa, que tratou de um tema tão importante e delicado que me fez pesquisar mais, ouvir mais e escrever mais”. Agradece ao professor Sérgio Filho por apoiar a se inscrever no concurso e a escrever sem medo.



A HISTÓRIA DE UM CABELO

Maria Clara
Araújo Portela



Ela caminhou pela rua pouco movimentada, buscando com os olhos alguma placa que sinalizasse o local que procurava; era um salão especializado em cabelos afro, indicado frequentemente por amigos e amigas – “que mal faria, então?”, pensava.

Adentrou logo que o encontrou, dando um sorriso fraco ao notar outras mulheres com fisionomia semelhante à sua. Negras, cabelos cacheados ou crespos, alguns coloridos, outros com cortes extravagantes, exibiam particularidades.

“Sim, uma trança lateral simples, como combinamos no telefone”. “Não, apenas isso”. “A história do meu cabelo?”

Encarou a si mesma no espelho após repetir a pergunta que a cabeleireira fizera, com a visão levemente embaçada por ter retirado os óculos. “A história do seu cabelo?”. Hm, aquela era uma pergunta que julgou nunca ter escutado antes, mas a resposta não precisou de quase nenhuma reflexão.

Eram fragmentos de memórias que surgiam em sequência: as risadas dos colegas de infância, as vozes emitindo “cabelo ruim”, a lembrança de quando a avó (mãe de seu pai, o “lado branco” da família) relatou ter levado um susto ao vê-la com seus cachos soltos, as tentativas de tornar as madeixas lisas, o comentário de um palhaço de rua comparando a peruca que ele usava com seu cabelo.

Temu se estender e murmurou que era “longa demais”, embaçando a fala numa risada contida. O serviço foi feito, ela pagou e saiu, satisfeita.

Em outro dia qualquer, ela se viu, por coincidência, na mesma rua novamente. Sem horário marcado, checkou sem muitas intenções se o salão visitado recentemente estava aberto; não estava.

Deu de ombros, mas percebeu que ainda naquela avenida havia outro salão. Olhou para as próprias unhas e julgou que uma “visita

rápida” cairia bem, logo se dirigindo até o estabelecimento que exibia um notável movimento.

A atmosfera era de certo caos, com barulho de secadores e um burburinho incessável. Sentada em um dos bancos enquanto esperava sua vez, ela checou as revistas espalhadas pela mesinha, todas com capas que exibiam as mais perfeitas cópias brasileiras de uma beleza europeia.

Ainda enquanto aguardava, foi questionada cerca de quatro vezes: “Vai alisar?”. Negou de modo quase indiferente, apenas pensando que mais outro relato se somava à história do seu cabelo.

Maria Clara Araújo Portela

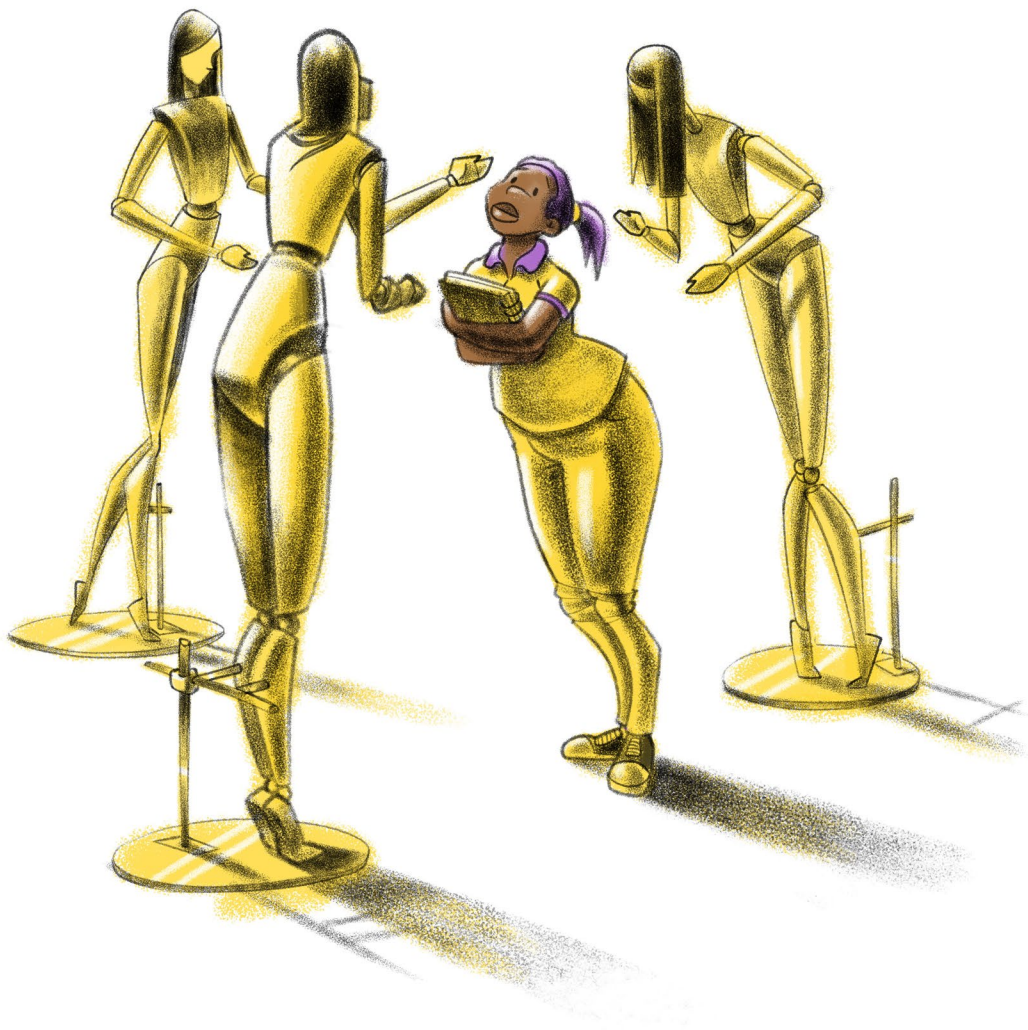
é uma escritora paraibana de dezessete anos que atualmente cursa Instrumento Musical no IFPB. É apaixonada por palavras, filmes, músicas, roupas dos anos 70, gifs, histórias de amor e descrições de si mesma em terceira pessoa. Acumula muitas histórias inacabadas desde os treze anos. Gosta de dizer que é libriana, mesmo não acreditando em signos.

A large, vibrant yellow paint splatter or ink blot at the top of the page, with numerous smaller droplets and speckles trailing downwards.

DEIXEM AS RAÍZES VIVEREM

Maria Helena Lustosa Fernandes





Sentado no banco da pracinha, em frente a uma loja de roupas no centro da cidade, reparo na menina negra diante da vitrine da loja, olhando os manequins brancos de perucas loiras e lisas. A garota é estudante do ensino médio; todos os dias às cinco da manhã ela acorda, duas horas mais cedo do que precisaria, para esconder as raízes de seus cabelos. É preciso usar produtos químicos agressivos para deixá-los lisos, nada enrolados.

A menina não usa roupas coloridas porque é comum ouvir das pessoas que determinadas cores não combinam com sua cor de pele. Não sorri demais nas fotos para seus dentes não se destacarem, nem seus lábios grossos e seu nariz largo ficarem grandes demais. Todos os dias ela é silenciada nos ambientes que vai, pois só assim imagina que pode ser aceita.

As raízes da menina, de onde vem a sua descendência, ecoam em seu reflexo na vitrine. Sua bisavó, vinda da África, em condições desumanas nos navios negreiros, não teve as suas raízes levadas em consideração. Na sua Terra natal, ela tinha filhos, casa e um plantio de mandioca para sustento, mas foi capturada sem quê nem porquê. Chegou ao Brasil como se não tivesse identidade, nem historicidade. As raízes originais foram cortadas para que as novas fossem implantadas; as do desprezo, da escravidão e da padronização dos brancos.

Olho para essa menina, no espelho da loja, que reflete a pele negra, o cabelo que fica preso e alisado, o couro cabeludo maltratado, com feridas provocadas pelos fortes produtos químicos; e nem dá para imaginar qual é a textura real dos fios de seus cabelos. Saindo do meu banco, e olhando através da porta aberta, um pouco mais de perto, além do que está posto, vejo essa garota, que tem nome, ela se chama Marielle. Nas marcas que ela carrega, para além da imagem que reflete, é perceptível o orgulho que sente de si, o amor que transborda por sua negritude.

Agora ela é uma garota de sonhos, que sorri com a leveza de seus lábios grandes e grossos, com o seu nariz largo para qualquer foto; com tons de cores fortes em sua roupa, que refletem a sua coragem de lutar e apenas ser. As imposições da sociedade não são capazes de apagar as suas raízes. É uma negra vivendo em um país racista, porém, sua voz por tanto tempo silenciada, hoje ecoa nos mais diversos ambientes.

Marielle não têm apenas as suas raízes e as dos fios de seus cabelos explodindo nas vitrines da sociedade. Eles gritaram primeiro em si, depois para todos, resistindo e lutando, por ela e por todos. Suas raízes estão vivas, presentes, sendo novamente plantadas, mas dessa vez, de forma diferente, com o grito que semeia a liberdade e a igualdade. Ainda falta muito, pois quando o padrão imposto não é obedecido, a bala perdida já tem mira: vai em busca do seu alvo, os(as) negros(as), de cabelo crespo, pixaim, enrolado, colorido, assanhado. Mas já foi dada a largada, o perfil do manequim exposto na vitrine não nos reflete. Brancos, apenas: DEIXEM-NOS VIVER.

Maria Helena Lustosa Fernandes

tem vinte e dois anos e é graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba. Concluiu o Ensino Médio Integrado ao Técnico em Contabilidade no IFPB, em 2017. Para Helena, “a Literatura nos ensina a sermos menos medíocres, nos faz enxergar o mundo por diversas óticas, nos humaniza e nos dá força. Ainda precisamos percorrer um longo caminho para que a Arte, as Ciências Humanas no geral, sejam valorizadas nos mais diversos espaços, inclusive no âmbito acadêmico, desta forma, acho de suma importância a ação do NEABI, dando voz e vez à escrita literária”.



CRISPIM

Pedro Felipe de Lima Henrique





O Hotel Globo foi construído em meados de 1929, no coração do centro histórico pessoense, bem pertinho de onde a cidade nasceu. A art déco que desenha seus arcos e escadarias, seu jardim que dá para a linha do trem e a mangueira fincada no meio dele pintam um quadro inusitado e único naquele reduto de tempo. Descobri esse lugar passeando pelas proximidades, quando estava fechado para reforma. Meu espírito aventureiro me obrigou a pular o muro e descobrir aquele jardim encantado com vista exclusiva pro Sanhauá. Exclusiva não. Quando fui adentrando pelo corredor amarelo, percebi que havia um grupo de meninos, que aparentavam ser de rua, dividindo alguma coisa debaixo da sombra da frondosa mangueira no centro do jardim. Senti que estava dentro do trapiche dos Capitães da Areia. Logo deduzi que poderiam ser habitantes do Porto do Mangue, comunidade ribeirinha que habita entre a linha do trem e o rio. Quando me viram entrando, dispersaram-se num pulo. Eu acabara de encontrar um lugar de livros.

As minhas visitas surdinas passaram a ser frequentes ao Hotel Globo, principalmente na hora perigosa do dia. Lá foi meu primeiro beijo, confissões a amigos, momentos de solitude. Quando a reforma acabou e foi reaberto ao público, passou a ser muito visitado, e o meu lugar preferido da cidade era o de mais pessoas além daqueles garotos do Porto. Mesmo sem a magia do vazio, continuei indo assistir aos fins de dia, com uma frequência que me conferiu a habilidade de saber em que lugar do rio ou da mata o sol se punha, a depender da época.

Este era um desses dias. Fui com duas amigas contemplar o caleidoscópio rotineiro, mas sempre único. Lembro-me de que tivemos várias conversas filosóficas, num tom árcade, inclusive. Quando as casas ribeirinhas começaram a brilhar com a despedida de Apolo e o prelúdio da noite, perguntei a uma delas o que achava do projeto de revitalização do centro e da remoção dessa comunidade da beira do rio. As conclusões foram muitas e diversas, nenhuma de fato conclusi-

va. Terminado o ritual, seguimos para um bar próximo e começamos a tomar uma cerveja.

Entre uma das trocas de garrafas e o gargalhar de uma piada constrangedora, eis que aparece um menino negro, que não deveria ter mais de 7 anos, pedindo um trocado para comprar comida. Parecia muito comigo quando criança, mas só na aparência. Não era um garotinho típico de sua idade. Ele tinha um gingado e astúcia facilmente atribuídos ao que conhecemos em João Pessoa como “moff”, além de uma tatuagem no seu antebraço com o nome de alguém. Era tão caricato que achamos engraçado. Não tínhamos dinheiro, só cartão, mas o menino insistiu: “Paga um refrigerante pra eu, tio? Vai lá, mermão!” Pedimos. Enquanto esperávamos a bebida, ficamos conversando. O garotinho chamava-se Crispim e morava logo ali embaixo, no porto.

- E essa tatuagem é de verdade, Crispim?

- Tai doido, tio? É de rena.

- E quem é Vítor?

- É meu irmão que morreu. A mulher dele matou ele ano passado.

Crispim morava com a mãe, mas ela quase nunca parava em casa. Ele ia pra escola, mas não gostava muito de estudar.

Machado de Assis, para descrever a ingenuidade e inexperiência de Camilo, personagem da cartomante, disse que lhe faltavam “os óculos de cristal, que a natureza

põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição”. Crispim tinha a mesma cor que eu. Aos sete anos, seus óculos já pareciam tão espessos ou até mais que os meus. Um contraste inevitável se estabeleceu ali, entre todas as oportunidades que separavam a minha história da vida daquele menino: uma estrutura familiar, boas escolas, a vida no interior. Eu senti medo, naquele momento. Era como se eu visse Pedro Bala, meu maior herói da infância, vulnerável. Parecia um destino de pele selado, lentes pregadas na córnea de um menino que vivia num lugar de tantos começos.

O refrigerante de Crispim chegou, e ele logo saiu pra dividir com os colegas. A sede era mais urgente que o obrigado, e todos percebemos de pronto. Crispim não saiu mais daquela mesa nas nossas conversas. Quando nos encaminhamos para o carro, começou a neblinar. A motorista da vez, ao fechar a porta, se depara com um braço pequeno estendido com a mão para dentro do carro através da janela. Quando ela ia dar umas moedas, aparece o nosso pequeno protagonista por trás dele. A amiga que estava no banco de trás grita: Crispim, estude que um dia você ainda vai ser o presidente do Brasil! Ele acena, e o outro garoto, sem entender, pergunta: “como ela sabe seu nome?”

A chuva começa a engrossar e os meninos vêm correndo atrás do carro quando enquanto ele dá partida e segue seu destino.

Confesso que até hoje eu ainda me pego pensando naquele menino de nome e cabelo crespos.

Pedro Felipe de Lima Henrique

tem vinte e sete anos e cursou Eletrotécnica no então CEFET (hoje IFPB), entre 2007 e 2010, na modalidade Técnico Integrado ao Ensino Médio. Ao contrário do que era esperado, decidiu seguir pela área das linguagens e, atualmente, é professor de Língua Portuguesa do IFRN e discente no curso de doutorado em Linguística, na UFPB. Acredita veementemente que a arte é um dos poucos instrumentos realmente capazes de transformar o mundo (interno e externo), e celebra iniciativas de incentivo à escrita como a proposta pelo NEABI pela sua importância social e política, principalmente no contexto que atravessamos.

Esta coletânea reúne onze crônicas selecionadas no I Concurso Literário NEABI/IFPB, do Campus João Pessoa, realizado no ano de 2019. Destinado à participação de alunas, alunos, egressas e egressos, o concurso teve como objetivo proporcionar variadas reflexões, no sentido de constituir uma contribuição no combate ao racismo.

O tema “Respeitem meus cabelos, brancos” vem de uma canção de Chico César, que, pela sua riqueza musical e poética, além de política, na construção de uma sociedade melhor, foi o grande inspirador na criação dos textos. Este livro é, também, uma homenagem a este artista paraibano.

O projeto contou, ainda, com o olhar e as mãos sensíveis de Raoni Xavier, o artista que assina as ilustrações das crônicas.